

Um escritor maldito?

Aricy Curvello

No período do Estado Novo (1937-45), Rosário Fusco foi procurador da República bem como o crítico literário oficial, desde o primeiro número, de *Política e Cultura*, revista do getuliano Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP. Mesma revista e mesmo Departamento em que também trabalhava Graciliano Ramos.

Desde o Manifesto dos Mineiros e a movimentação pela queda da ditadura de Vargas, Fusco passou a sofrer os efeitos da radicalização política da época, sendo apontado como um dos ideólogos do getulismo, o que não corresponde à verdade dos fatos. Como a grande maioria dos escritores da época, ele dependia de seu emprego de funcionário público para sobreviver. É de tal forma notória essa evidência, que se deve ver como extremamente sintomático o fato de ser paupérrima, mais do que anêmica, a bibliografia existente a respeito dos intelectuais e o Estado Novo, como constatei em pesquisa na Biblioteca Nacional.

Os amigos de Carlos Drummond de Andrade, oficial de gabinete do ministro da Educação estadonovista Gustavo Capanema, alegaram que o poeta “serviu ao Estado Novo” sem por isso “alienar a menor parcela de sua dignidade”, como acentuou Wilson Martins em *O poeta no século*, em seu rodapé de crítica em *O Globo* (Rio, 10 nov. 2001), “o que é verdade, jamais alegada, entretanto, em favor de outras personalidades em situação semelhante.”

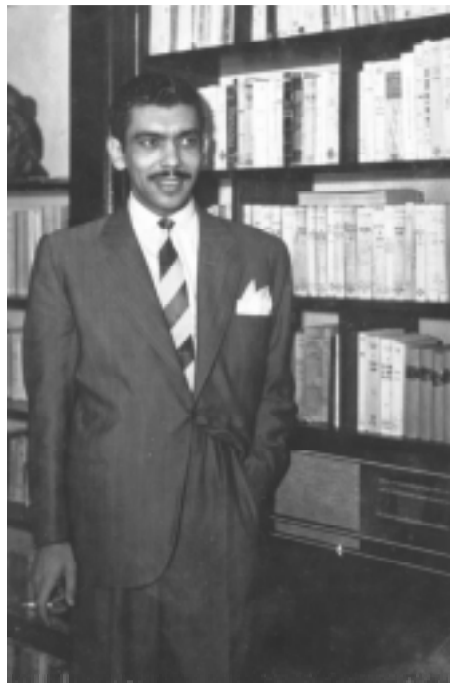
Quais as razões dessa diferença de julgamento em relação a Drummond (e também Graciliano Ramos) e que não beneficiaram Fusco, este último tornado um escritor maldito? Por certo não estaremos muito longe da verdade, se nos lembrarmos de que Fusco era mulato, oriundo de família muito

pobre e, sem dúvida, amigo do álcool. Graves estigmas para os padrões da acanhada sociedade brasileira dos anos quarenta do século 20, agravados pelo falso moralismo que considerou “indecente” e “pornográfico” o romance *Cartas à Noiva*, que o autor lançou em 1954.

Quando li pela primeira vez em 1999 o texto, datilografado pelo próprio Fusco em 1967 (é a data que ele fez constar em uma relação de suas obras) do ainda inédito *a.s.a. – associação dos solitários anônimos*, tive o vislumbre de um Lima Barreto muito mais radical e muito mais capaz de ironia e de sarcasmo. Ele incomodou a muito mais gente, com certeza, do que ocorreu com Lima Barreto em sua época.

Dentre os inéditos de Fusco, de que posuo cópia, não tive dúvidas em eleger esse romance e indicá-lo a Rosário François Fusco, filho do escritor, como aquele que deveria ser publicado em primeiro lugar, e muito batalhei por sua publicação. O primeiro inédito de Rosário Fusco a ser publicado e que agora vem à luz em 2003, após quarenta e dois anos sem lançamento de um novo título seu, bem merecia um prefácio de Fábio Lucas, a quem o solicitei e que generosa e brilhantemente o escreveu, sem receber honorários, contribuindo dessa forma para reduzir os custos da edição. Tive, com prazer, de providenciar uma cópia do texto datilografado em meu poder e remetê-la ao notável crítico.

Ao preparar o texto do romance para publicação, pois sua ortografia era a do final dos anos 60, observei que o autor, em uma das duas cópias existentes, havia vacilado e riscado a epígrafe (de sua própria lavra) que deveria abrir o romance. Quando recebi a primeira prova gráfica para revisão, tive o cuidado de restabelecê-la: “Assim como o sobrenatural é o reverso do natural, o supra-real é o outro lado do real, o-



por-detrás. Eis porque tudo o que existe, sendo natural, é real. Mas nem todo o real é existente.”

O *a.s.a.* merecia uma primeira edição com uma capa de melhor qualidade. Merecia também um título não em letras garrafais, quando o autor sempre o escreveu em minúsculas, obedecendo a razões do texto. O que foi imediatamente salientado por um dos amigos pessoais de Fusco, a quem remeti um exemplar do livro, o escritor Ascendino Leite, que completou 88 anos em 21 de junho e que tem problemas de visão (quer dizer, oftalmológicos) mas não de inteligência.

Durante todo o tempo em que estive trabalhando com Rosário François Fusco, herdeiro de sessenta por cento do que se refere aos direitos autorais do escritor seu pai,

em nenhum instante sequer imaginamos que, depois de tanto esforço, iriam aparecer “donos” de um trabalho que não executaram, mas de que se creditaram. Pior, ignorando o texto e o escritor.

O projeto inicial de se publicar os inéditos de Fusco, de forma organizada, por meio de uma única editora, sofreu um desgaste irremediável. O *a.s.a. – associação dos solitários anônimos*, e é o que mais amargura, era o melhor dos dois romances que ainda se encontravam à espera de edição. Eu o confiei ingenuamente a quem não devia. Descaracterizado, está situado fora de nosso projeto, circulando com uma capa miserável. Ainda bem que os demais inéditos não entraram em jogo e estão a salvo, como o livro de poemas e o conjunto dos diários.

Que sirva a todos a lição que aprendemos. Em contrato de publicação, no Brasil, deve-se ter o cuidado de regular até mesmo os nomes de quem tem direito aos créditos de trabalho sobre a edição, além de se dever exigir aprovação prévia para a capa do livro, bem como do controle sobre as provas gráficas.

No sentido do que acima lavrei, e apenas com relação a isto, parece haver um fundo de verdade na lenda que diz sempre terminar em dor de cabeça, confusão e aborrecimentos sem conta tudo o que diz respeito a Rosário Fusco assim como à sua literatura. Aspecto aziago que atingiria também os que se envolvem de alguma forma com ele e sua obra. Nesta única acepção, sim, um escritor maldito, porque sobre ele parece pairar uma maldição. Aquela de ter nascido em um país como o Brasil. ☞

ARICY CURVELLO é poeta e crítico literário, autor de Mais que os Nomes do Nada e Uilson Pereira no Coração dos Boatos (organização e notas de fortuna crítica).

RODAPÉ

N.E.: a partir desta edição a seção Rodapé passa a ser assinada por Fábio Lucas

A Volta de Rosário Fusco

Fábio Lucas

Rosário Fusco (1910–1977), autor prolífico de forte personalidade, encontra-se hibernando na consciência literária brasileira, lembrado mais pelas anedotas que correm a seu respeito do que pela obra realizada. Foi múltiplo, irreverente e complexo. Ensaísta, poeta, tradutor, dramaturgo e ficcionista, cujo nome completo é Rosário Fusco de Souza Guerra.

Consideremos o ficcionista. O último romance publicado em vida foi *Dia do Juízo* (1961). Em 1939, havia já produzido *O Agressor*, publicado em 1943, kafkiano, cujos direitos autorais foram uma vez comprados por Orson Welles à Editora Mondadori que, tempos depois, o lançou na década de 1960. O prefácio italiano de *L'Agressor* compara o autor a Kafka e Joyce, embora Rosário Fusco dissesse não os conhecer na época da concepção do romance.

Segundo Ledo Ivo, Rosário Fusco introduziu Franz Kafka na criação literária brasileira quando, na década de 1940, comprou em Buenos Aires traduções espanholas de *A Metamorfose* e *O Processo* (cf. “O agressor Rosário Fusco”, Suplemento “Idéias”, *Jornal do Brasil*, 18.11.2000). E Antônio Olinto, em prefácio à nova edição de *O Agressor* (2000), admite que Rosário Fusco merece honradamente o título de Kafka brasileiro.

Vejamos *a.s.a. – associação dos solitários anônimos* (Ateliê Editorial/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, São Paulo, 2003), sob a égide da série *Lê Prosa*. O leitor logo se depara com o título irônico, que remete a outra associação, de caráter nacional, referente aos alcoólatras. Depois temos o aspecto cômico e irreverente dos títulos de alguns capítulos. Sem contar que, no pórtico da obra, uma epígrafe avisa a afeição do autor pela doutrina surreal.

O surrealismo motivou alguns jovens artistas brasileiros na década de 20, nomeadamente Ismael Nery, Murilo Mendes, Mário Pedrosa e Aníbal Machado. Envolveu também o poeta Jorge de Lima, que nos deu um romance cubano-surrealista *O Anjo*, em 1934. Rosário Fusco, que havia produzido um romance kafkiano, agora reverencia o ponto de vista supra-real. O “por-de-trás”, na sua opinião.

Tudo isso prepara o leitor para uma vertiginosa experiência. O linguajar é popularesco, às vezes chega ao vulgar. Mas não se trata de uma narrativa populista, indulgente com o público massificado.

A trama confina as personagens na mais cabal marginalidade, nas pensões e prostíbulos à beira do cais, com toda a horda de cáftens, agiotas, trambiqueiros e uma fauna de pessoas que sobrevivem a poder de expedientes ilícitos. Perpassa o ambiente um clima de credices e esoterismo, quase sempre utilizados para fins práticos dos agentes. Uma espécie de ajuste de contas da consciência contábil com a consciência ingênua.

a.s.a., portanto, é romance de qualificação superior. Não se deixa reger pela doutrina naturalista, do enredo convencional e previsível. Arma-se numa zona de diferenciação, talvez em contracorrente do que se fazia nas décadas de 1930 e 1940 em nosso país, dividido entre a ficção social e a psicológica.

O humor predomina no andamento narrativo. Mas nem sempre o é de pura pândega ou de efeito circense: torna-se cáustico em duas dimensões, a psicológica e a social, nesta englobados os costumes e as credices. Videntes, mágicos, médicos e juristas encontram-se no mesmo estuário. Enquanto isso, o narrador não perde ocasião para satirizar as instituições, desde as mais altas (a Diplomacia, por exemplo), até as mais rasteiras,

como o proxenetismo e o contrabando.

Os diálogos se apresentam vívidos, rápidos e sintéticos. Denotam a experiência de dramaturgia do autor. O relato está pontilhado de motivos livres, ramificações e comentários saborosos de cunho reflexivo. O leitor poderá observar certa constância do modo de narrar: o jeito enviesado, indireto de conduzir a narrativa ou o aparecimento da personagem, sujeito da ação.

Aí estará, talvez, o ponto de vista supra-real defendido pelo romancista. Veja-se, por exemplo, o capítulo “Sumiu”. Muitas vezes, somente depois de algumas linhas é que o leitor pode identificar o agente da ação narrativa.

Há momentos especiais de concentração da sátira. Um exemplo é o capítulo “Ilimitado Amor”, em que são tratados os cultos da reencarnação ou o diálogo com os espíritos, ou a visão de ectoplasmas. Em vários momentos, o texto explora o sobrenatural de fachada, expediente baixo dos espertos.

a.s.a. é abundante em metáforas e símiles grotescos, do tipo: “... o mancebo derramou-se no chão feito uma coisa líquida”; ainda: “E mulher insatisfeita é uma viatura sem freio. O coloquial rola fácil: “Sábado, como o senhor viu, é dia em que o movimento não pára”. As cenas e descrições eróticas carregam-se de humor: “A ingênua provocação – de que Fulano expressamente não tomava conhecimento – chegou ao máximo quando, sacudindo a coberta, ela pôs completamente à mostra suas graciosas partes e futuroso sólido capital”. É hilariante o capítulo “Garantia de Aluguéis Atrasados”. Mais divertidas são as frases colhidas aqui e acolá, de sabor legítimo da ficção popular ou de “filosofia” barata: “Pois *desconfiava* de quem ela tivesse arranjado um emprego por aí: obra do Louro, talvez, ou de outro, quem sabe?: coração e cona de mulher abrem de improviso para quem menos merece”; ou: “sempre detestamos quem não depende de nós”; ou mesmo: “Num continente descoberto por acaso, é natural que o acaso impere”.

A própria idéia da *associação dos solitários anônimos* peca pela escassez de sócios. Na verdade são dois: Fulano e Beltrano. Este, aliás, perora a dado momento: “Seremos uma legião sem saber quantos somos... Inodora e unida, dispensando a cabala e a semiótica, o sentido e o significado”. O teor da sátira alcança os modismos da crítica que se apoiou exclusivamente na Linguística, ainda hoje difundidos. E misteriosamente a *a.s.a.* é encampada pelo Alemão, o Boche, proprietário de um restaurante: “Seremos uma *s.a.* de dois em alguma parte”. Tudo, deste modo, envia ao modelo dual da personalidade humana retratada na ficção de Rosário Fusco. A personagem, no derradeiro capítulo, preleciona: “Lembre-se que o dualismo – quer dizer, ação combinada de dois princípios opostos e irreductíveis – rege os mistérios da vida (corpo-alma), do amor (macho-fêmea) e da morte (prêmio-castigo)”.

Temos, também, na prosa de Rosário frequentes inversões dos lugares-comuns da sabedoria popular. Ou o simples jogo de palavras, base de paradoxos: “Os médicos nasceram antes da medicina e os aviadores antes dos aviões”.

Assim, ousado e divertido, este romance de Rosário Fusco merece o olhar da crítica contemporânea, distanciando do calor de sua presença e do dinamismo de sal personalidade. Temos uma narrativa de veloz andamento, polifacetada, palmilhada de contradições, a explorar um recanto especial do cenário brasileiro: a marginalidade acumulada ao longo do cais. Um poliedro de inspiração supra-real. ☞

FÁBIO LUCAS, ex-presidente da UBE e seu atual conselheiro, membro da Academia Paulista de Letras, é crítico literário e ensaísta.